

MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL E EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE

Sidney José Vasconcelos Rosendo da Silva¹; Lilian Soares Outtes Wanderley²

¹Estudante do Curso de Ciência Política - CFCH - UFPE. E-mail: sidney.vasconcelosrosendo@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Administração - CCSA - UFPE. E-mail:lilian.wanderley@ufpe.br.

Sumário: O projeto de pesquisa em Mobilidade Acadêmica Internacional e Educação para Sustentabilidade tem por objetivo explorar experiências relatadas por estudantes internacionais de diversas áreas de conhecimento em ambientes acadêmicos brasileiros, tendo como ponto de partida não brasileiros cursando disciplinas em Instituições de Ensino Superior na cidade de Recife, Pernambuco. Este estudo complementa reflexões sobre brasileiros estudando fora do Brasil e atende o crescente questionamento sobre experiências dos estudantes que vêm ao Brasil. Inicialmente são apenas 11 relatos então de estudantes sobre realidades estudantis em novo ambiente e geralmente em diferente língua a sua original. Nesta perspectiva, sem ater-se à comparação, o relatório de pesquisa explorou algumas das características mais marcantes na vivência de cada um dos estudantes em processo de mobilidade acadêmica, a fim de discutir tais experiências relatadas. A perspectiva da metodologia interpretativista - baseada em entrevistas semi-estruturadas - foi utilizada como alicerce para o desenvolvimento deste trabalho. Quanto aos resultados, observou-se que a chegada em Recife de nove diferentes países de origem foi problematizada em cada relato estudantil. Sete deles informaram detalhes sobre realização de atividades extra curriculares, aquelas que se enquadram além do conteúdo programático da universidade. Estágio, academia, esportes e estudo do idioma português são as ocupações fora da sala de aula dos entrevistados. No que diz respeito a moradia, cada um dos onze entrevistados apresentaram argumentos para afirmar que esta é fator de extrema relevância para o sucesso no desenvolvimento de suas experiências de intercâmbio, enfatizando a necessidade das universidades aprimorarem seus programas de acolhimento dos estudantes internacionais, a fim de facilitar a chegada dos estudantes na cidade, bem como a resolução dos tramites necessários para os primeiros momentos no novo país. A riqueza dos relatos permite reflexão sobre vários outros aspectos da experiência de estudantes internacionais em nosso País.

Palavras-chave: educação; instituições de ensino superior; mobilidade acadêmica

INTRODUÇÃO

Em um cenário de constantes mudanças, onde as barreiras entre as nações estão cada vez mais frágeis, a livre comunicação - através das inovações tecnológicas - se amplia, emergindo, então, a necessidade de atualização e conhecimento sobre os aspectos globais que afetam diversos países e adentram nas universidades. Nesse contexto de integração cultural e internacionalização experimentados, faz-se necessário refletir acerca da temática de Mobilidade Acadêmica Internacional (MAI).

Em se tratando de mobilidade acadêmica, Cabral, Silva e Saito (2011), conceituam como a possibilidade de alunos de uma instituição de ensino superior realizarem seus estudos fora da instituição a qual pertencem. Para Maranhão e Lima (2009), a internacionalização do ensino superior é justificada com base em dois argumentos: (1) as instituições de ensino superior devem se organizar com base nos arranjos multiculturais; (2) os estudantes e/ou

docentes incrementam suas empregabilidades, tornando-se mais atraentes para o mercado de trabalho.

Em contrapartida, dificuldades para a realização da mobilidade acadêmica internacional são também evidenciadas pelos autores da área e demonstradas, aqui nesta pesquisa, na seção dos resultados. Dentre os desafios, estão a falta de programas de acolhimento dos estudantes internacionais. Segundo os entrevistados, há uma escassez de programas e práticas de recepção institucionalizados nas universidades de onde, agora, fazem parte.

Numa analogia possível com esse tema, Lima e Maranhão (2008) ressaltam a importância dos investimentos feitos pelas instituições de ensino superior e os países em seus programas de mobilidade acadêmica internacional. As autoras destacam que nem sempre esses investimentos acompanham os anseios e motivações dos estudantes que decidem partir para estudar no exterior. Segundo as autoras, “cada vez mais, as motivações de caráter cultural e acadêmico cedem lugar para interesses econômicos voltados para a ampliação do mercado educacional, comercialização de produtos educacionais, política de auto-financiamento das universidades públicas, elevação da empregabilidade entre egressos etc.” (2008, p. 14).

Knight (2010) enumera cinco mitos sobre os processos de internacionalização das instituições de ensino superior. Segundo esta autora, são estes os mitos que compõem a prática: 1- reconhecer estudantes estrangeiros como agentes de internacionalização; 2- definir reputação internacional como pressuposto para a qualidade das universidades; 3- acreditar que quanto mais acordos institucionais internacionais, mais prestígio terá a universidade perante estudantes e outras IES; 4- basear-se em premiações e creditações internacionais para verificar a qualidade das universidades; 5- criação de uma marca global por parte de universidades que, têm apostado apenas no marketing para seu processo de internacionalização.

Lima e Maranhão (2008) acreditam que há alguns caminhos pelos quais as políticas de internacionalização devem seguir. As autoras listam alguns, como por exemplo a promoção da análise do sistema educacional sob a perspectiva crítica interpretando-o em suas contradições de reprodução e produção do status quo; ainda, a necessidade de reflexão sobre a escola como esfera da política cultural, ou seja, como instituição em que as relações econômicas, políticas e sociais, bem como questões de raça, classe, gênero e poder são produzidas e legitimadas; o desenvolvimento de políticas eminentemente qualitativas de acompanhamento e controle das ações de internacionalização, o que propiciaria a compreensão subjetiva do fenômeno, podendo indicar vieses ideológicos; e também a promoção de políticas de incentivo à internacionalização Sul-Sul e desenvolvimento e/ou aprimoramento de programas de aprendizagem de idiomas (2008, p. 14 e 15).

Em suma, este trabalho elucida a relevância do estudo sobre as práticas atuais de internacionalização das instituições de ensino superior. Pesquisar e avaliar as experiências vividas pelos estudantes em mobilidade acadêmica internacional na cidade de Recife é, sem dúvida, subsídio para o aprofundamento do estudo sobre o tema. Conforme evidenciado por Bianca Silva Costa (2014, p. 54), destaca-se que no processo de internacionalização do ensino superior não são apenas aspectos geográficos que estão em foco, mas também as transformações que ocorrem antes, durante e após a vivência em outro ambiente acadêmico.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa de análise qualitativa exploratória, usando análise de conteúdo (Vergara, 2007; Bardin, 2009). Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-

estruturadas, com base num roteiro previamente elaborado por estudantes que conversam com colegas de outros países em língua portuguesa ou na língua materna do estudante entrevistado. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p.180), numa entrevista semi-estruturada, “há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser (...).”

Tomando como ponto de partida as transcrições das entrevistas realizadas, foram estabelecidas quatro unidades de análise: 1) recepção/vida social, 2) moradia, 3) atividades extracurriculares e 4) locomoção em Recife. Estas unidades foram sendo preenchidas com os relatos dos estudantes. A partir destas quatro unidades, e para cada uma delas, foram traçadas categorias de análise cujo objetivo foi destacar e identificar, nos discursos dos entrevistados, caracterizações e tendências nas experiências vividas. Para a unidade de análise 1) recepção/vida social, foram traçadas as categorias amigosa indiferente e insatisfatória; para a unidade 2) moradia, foram duas as unidades propostas: casa de estudante e apartamento compartilhado; à unidade 3) atividades extracurriculares, foram estipuladas três categorias: lazer, acadêmico/profissional e não realiza; já para a unidade 4) locomoção em Recife, foram elencadas as categorias de análise transporte não-motorizado e transporte coletivo.

Ao todo, foram gravadas 11 entrevistas com alunos internacionais, oriundos de 9 países diferentes, que expuseram suas experiências sobre como é viver e estudar em Recife. Para a escolha dos entrevistados, não foi levada em consideração a área de estudo como principal critério, sendo requisitado apenas que os estudantes estivessem devidamente matriculados numa instituição de ensino superior no Brasil, seja por um período de curta duração (um ou dois semestres), seja pelo período equivalente a toda a graduação. A intenção foi angariar a maior diversidade possível nos relatos disponibilizados pelos entrevistados. Isto ficou evidente no momento da análise e tratamento dos dados, quando verificou-se uma grande riqueza de detalhes no discurso de cada um dos abordados que, certamente, foi possibilitada pela diversidade quanto aos países de origem e áreas de estudo.

RESULTADOS

O perfil dos estudantes entrevistados pode ser verificado no quadro abaixo:
Quadro 1: Perfil dos estudantes entrevistados

Codínome	País de origem	Curso	Universidad e no Brasil	Idade	Duração do intercâmbio
ES1M	Espanha	Adm.	UPE	22 anos	6 meses
ES2M	Espanha	Adm.	UPE	23 anos	6 meses
CO3F	Colômbia	Jornalismo	UFPE	20 anos	6 meses
TO4F	Togo	Ciência Política	UFPE	26 anos	5 anos
AL5F	Alemanha	Geografia	UFPE	21 anos	1 ano
GU6M	Guiné-Bissau	Adm.	UFPE	27 anos	4 anos e meio
PE7F	Peru	Turismo	UFPE	22 anos	4 anos
FI8F	Finlândia	Ciências sociais	UFPE	26 anos	1 ano
CV9F	Cabo Verde	Farmácia	UFPE	21 anos	4 anos e meio
BE10M	Benin	Economia	UFPE	23 anos	5 anos

BE11M	Benin	Adm.	UFPE	25 anos	5 anos
-------	-------	------	------	---------	--------

Fonte: autoria própria

A diversidade das áreas de estudo abordadas pôde salientar o caráter não discriminatório deste trabalho. No total, jovens estudantes de 8 cursos de graduação diferentes oriundos de duas universidades (UFPE e UPE) foram convidados a fazer parte da pesquisa. Sobre a forma como eles foram identificados no quadro 1, para preservar sua identidade, foram formulados codinomes que fornecem, cada um deles, três informações diferentes: país de destino, ordem da entrevista e sexo do(a) entrevistado(a). Por exemplo: ES1M, em que “ES” são as letras que representam o país de origem do entrevistado, neste caso, Espanha; o algarismo “1” indica que este foi o primeiro entrevistado, numa ordem de 11 estudantes entrevistados; e, por último, a letra “M” indica que o entrevistado é do sexo masculino, sendo óbvio informar que, no caso de uma entrevistada do sexo feminino, a letra utilizada para identificação será a letra “F”.

DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos através das entrevistas, foi possível atentar para o fato de que, dentre nove dos estudantes que foram entrevistados, quatro deles já haviam morado fora de seus países de origem antes de virem estudar no Brasil. Este fato, segundo os próprios estudantes, acarreta em vantagens frente à experiência de viver num novo país. Por exemplo, uma das entrevistadas afirmou que já havia morado na Inglaterra, onde trabalhou como *au pair*, cuidando de crianças. Este tipo de experiência internacional prévia, segundo observado no discurso dos entrevistados, reflete uma certa maturidade, sinônimo de independência e preparo para os desafios que a vida longe de casa pode proporcionar.

No que concerne as razões que trazem esses estudantes ao Brasil, encontram-se: interesse pela cultura, pelo aprendizado de um novo idioma, obtenção de bolsas de estudo e acordos de cooperação entre os países envolvidos. Programas de mobilidade de cunho governamental como o PEC-G e o BRACOL foram citados por alguns estudantes, além dos vínculos ou acordos institucionais firmados entre a universidade de origem e a universidade receptora, aqui no Brasil. Foi possível observar também que, dentre os entrevistados, mesmo entre aqueles que faziam parte do mesmo programa de mobilidade, como o PEC-G, por exemplo, não havia um padrão no que diz respeito a auxílios financeiros para cobrir os custos da viagem. Alguns relataram receber auxílio do país de origem, bem como do governo brasileiro. Entretanto, outros afirmaram ter que arcar, por conta própria, com as despesas do período em que estivessem vivendo aqui no Brasil.

Foi possível observar ainda algumas características em comum decorrente das entrevistas. Quanto à recepção, os estudantes afirmaram que o tratamento foi amistoso, entretanto, tiveram dificuldade para a obtenção de informações pois não havia nada muito estruturado para o processo de chegada e integração na instituição. Corroborar com esse resultado o trabalho de Lima (2008), quando retrata que Brasil ainda não avançou na recepção de acadêmicos, pois sua internacionalização ocorre de maneira passiva. Além disso, a moradia se mostra como um papel determinante na experiência. Apesar de estarem vivendo em diferentes tipos de acomodação, estudantes argumentam que morar perto da universidade é sim algo positivo e que influencia totalmente nas demais atividades executadas. Ainda sobre a moradia, como citado acima na seção da Metodologia deste relatório, a esta unidade de análise foram atribuídas duas categorias: casa de estudante e apartamento compartilhado.

No que diz respeito às atividades extracurriculares realizadas pelos estudantes, foi ressaltada a necessidade de praticar esportes ou exercícios físicos durante o tempo livre, prática trazida dos seus países de origem e que foram facilitadas pelas condições oferecidas pela universidade e/ou pela cidade do Recife. Sobre a locomoção em Recife, alguns afirmaram que, pelo fato de morarem próximos da universidade, a caminhada torna-se meio de transporte para se locomoverem de casa para o campus. Outros relataram ainda fazer uso da bicicleta como meio de transporte para distâncias curtas no bairro onde moram ou nos arredores da universidade. Para distâncias mais longas e acesso a outros bairros da cidade, os estudantes costumam utilizar o ônibus. Quando questionada sobre o trânsito, a estudante PE7F afirmou que em sua cidade de origem, Lima, no Peru, o trânsito é ainda mais caótico que em Recife, fato este que deixou surpreso o entrevistador.

CONCLUSÕES

Pode-se observar, a partir dos resultados oriundos desta pesquisa, o caráter heterogêneo definidor das experiências vividas pelos estudantes em mobilidade acadêmica internacional na cidade de Recife, em Pernambuco. Os onze entrevistados, em seus discursos, apresentaram percepções muitas vezes distintas sobre o que é estudar e viver em Recife. Estabelecer unidades e categorias de análise serviu para tentar compilar as características mais marcantes descritas nas entrevistas e organizá-las de forma sistemática, a fim de identificar as possíveis tendências e semelhanças que compõem e resultam das experiências de intercâmbio.

No que se refere a essas tendências, sobre os desafios encontrados, o estudante BE10M - quando questionado sobre sua rotina, vida social e atividades que realizava no dia a dia - se queixou da maneira como as pessoas se relacionam aqui, rotulando-as como sendo então pessoas “difíceis de se aproximar” e, além disso, atribuindo a isto o fato de não ter muitos amigos brasileiros nem poder realizar atividades que costumava desempenhar em seu país de origem. Knight (2010) refere-se a este comportamento como um dos mitos da internacionalização do ensino superior, ao afirmar que a presença de estudantes internacionais nos campi universitários não implica, obrigatoriamente, em atmosferas e cultura universitária também internacionais, heterogêneas.

Quanto às expectativas trazidas pelos estudantes internacionais, foi evidenciado que muitos esperavam uma recepção mais organizada por parte da universidade acolhedora. No entanto, o que ficou claro nas entrevistas foi a escassez, para alguns deles, de programas institucionalizados de acolhimento dos intercambistas que chegavam ao Recife.

No que concerne as vivências mais marcantes, os estudantes relatam os momentos de descontração com outros estudantes internacionais e, também, em meio a brasileiros. Viagens, festas populares, degustação da culinária local, atividades e projetos desenvolvidos na universidade, além de práticas relacionadas ao uso do espaço urbano, são os acontecimentos mais citados e que, segundo os próprios entrevistados, serão lembrados como os *highlights* da experiência no Brasil. O que ficou evidenciado, a partir da pesquisa desenvolvida, foi o fato de que, ao menos em Recife, as universidades necessitam aprimorar seus programas de acolhimento dos estudantes internacionais. Conforme indicou Knight (2010), as instituições de ensino superior necessitam promover atividades para aumentar a interação entre os alunos nacionais, no caso brasileiros, e aqueles *en échange*, o que, certamente, fará do ambiente acadêmico um espaço mais rico fomentador das trocas de experiências e culturas.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a UFPE e ao CNPQ pelo apoio financeiro cedido para o desenvolvimento desta pesquisa. Bem como, vale também o agradecimento à

PROPESQ/UFPE, aos colegas que contribuíram para a realização das atividades de pesquisa incluindo o GEPESG/PROPAD, ao Departamento de Ciências Administrativas do CCSA que ofereceu estrutura física para reuniões em grupo e, ainda, aos estudantes internacionais que aceitaram participar voluntariamente das entrevistas e relatar suas experiências de intercâmbio, objeto de estudo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CASTRO, A. A., CABRAL NETO, A. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, 21, Out. 2012.

CONTEL, Fabio Betioli. Aspectos geopolíticos da internacionalização do ensino superior. In: FIUZA, J. E Glauco F. (Org.) p. 249-269. Festival de Cores: dialoge über die portugiesisch... Welt. Tübingen (Alem.): Calepinus Verlag, 2007.

COSTA, Bianca Silva (2014). Viagem de (auto)descobrimto : experiências de mobilidade estudantil de graduação no programa ESCALA/AUGM/UFRGS. Disponível através do link: <http://hdl.handle.net/10183/104487>. Acessado em 13/08/2015.

KNIGHT, Jane. (2010). Five myths about internationalization. International Higher Education, 62, 14-15.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. Reflexões (ainda) necessárias acerca da mobilidade estudantil. Anais do 8º Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na Am. do Sul, 2008.

LIMA, Manolita Correia. Globalização e internacionalização da educação superior. REVISTA DA ESPM, 7 de agosto de 2006.

LIMA, Manolita; RIEGEL, Viviane. A influência da mobilidade acadêmica sobre a formação dos jovens. Negócios e Talentos. Número 7. 11-32. 2010.

NASCIMENTO, L. S. ; WANDERLEY, L. S. O. ; PENHA, Z. M. H. S. ; BARBOSA, A. M. N. Mobilidade Acadêmica Internacional e Educação para Sustentabilidade: relatos brasileiros. In: ENGEMA - Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 2014, São Paulo. Anais do ENGEMA 2014, 2014.

FT – Financial Times. The Future of the University. Financial Times Report. 2014. Disponível online: <http://www.ft.com/reports/future-of-university>

WANDERLEY, LSO; LEAL, SR; FERREIRA, BC; and MELO, MJ. International Academic Mobility in Education for Sustainability. TEFI7 Oxford Brooks University, 13-16 April, Tourism Education Futures Initiative. 2013.

Data e assinatura do orientador



Data e assinatura do aluno